

Perspectivas para um outro mundo possível

Alfredo Alejandro Gugliano*

A felicidade foi uma das inúmeras promessas não cumpridas pela modernidade. A crença de que o progresso levaria a sociedade a um patamar superior, situação na qual haveria um esforço consciente – racional – visando constituir o melhor dos mundos para todos, fracassou diante da modernização econômica. O mundo, no início do século XXI, se manteve como um espaço desigual no qual as fomes, as guerras, a persistência das mais diferentes formas de discriminação, de distintas maneiras de exploração, continuaram predominantes.

Esse contexto instigou a fundação do Fórum Social Mundial e sua realização numa cidade que, naquele momento, simbolizava o empoderamento popular: Porto Alegre e seu orçamento participativo. A proposta surgiu em 2001, ano no qual, frente a alguns indícios do esgotamento da era neoliberal, sentiu-se a necessidade de organizar um ponto de encontro entre múltiplos setores, representando vários países, unidos pelo questionamento às condições de vida vigentes na sociedade moderna. Uma perspectiva traduzida no slogan que alimentou os debates do primeiro encontro internacional: “um outro mundo possível”.

“O Fórum deve fortalecer um papel proeminente em termos da implementação de movimentos que internacionalizem e unifiquem as lutas nacionais voltadas para o desenvolvimento de uma maior justiça social”

Nasceu, portanto, de um momento de êxtase, quando existia a crença na evolução de um movimento mundial de conscientização da sociedade e crescimento de alternativas políticas que, por intermédio das lutas sociais, visavam recolocar as pessoas e suas necessidades, à frente dos anseios do mercado econômico, atacando o predomínio de lucros exorbitantes e a concentração mundial de renda nas mãos de uma pequena elite.

Nesse sentido, o Fórum Social Mundial veio para ocupar um espaço de articulação entre diversos agrupamentos políticos que, desde diferentes pontos de vista, criticavam o desenvolvimento da sociedade capitalista. Um modelo social identificado, muito especialmente na sua atual fase de financeirização, com o predomínio de um capital improdutivo, o agravamento da desigualdade social e a ampliação dos efeitos negativos de um progresso econômico desenfreado, com evidentes sequelas sobre o meio ambiente do planeta.

Mais de três lustros após a sua fundação, pode-se evidenciar o êxito da iniciativa do Fórum, de maneira especial em termos de articulação dessa diversidade de agrupamentos políticos. Desde a sua primeira edição, quando participaram vinte mil pessoas, os números de participantes nas reuniões anuais não param de crescer.

Na última edição da reunião, ocorrida em Salvador, em fevereiro passado, por exemplo, foram contabilizados oitenta mil participantes, representando cento e vinte países de diversos continentes. Inscreveram-se seis mil organizações vinculadas à sociedade civil, também movimentos sociais, concentrados em mais de duas mil atividades. Praticamente todas as iniciativas realizadas foram autogestionadas.

Um esforço nada desprezível se considerarmos o fato de a reunião ter se realizado no Brasil, país no qual vêm ocorrendo várias medidas que apontam para um retrocesso no processo de democratização, e num contexto – diferente daquele que marcou a fundação da proposta – no qual acontece uma reviravolta na política internacional, agora capitaneada por governos e partidos políticos que não apenas propagam políticas neoliberais, mas igualmente comungam uma crença neoconservadora que impõe retrocessos socioculturais em diversas nações.

Os números dessa última edição do Fórum Social Mundial são, sem sombra de dúvida, impressionantes. E a reunião parece já estar firmada como um ponto de encontro anual entre militantes e ativistas sociais. Contudo, alguns dilemas continuam abertos.

Diante deste novo momento político, no qual renascem as manifestações de massa inspiradas em bandeiras conservadoras, como aquelas levadas adiante por organizações racistas anti-imigrantes na Europa, o Fórum deve fortalecer um papel proeminente em termos de implementação de movimentos que internacionalizem e unifiquem as lutas nacionais voltadas para o desenvolvimento de uma maior justiça social.

Assim sendo, fica perceptível a premissa de um debate mais estendido envolvendo as diferentes possibilidades de expansão do Fórum nos próximos anos.

Entre as questões a serem consideradas, uma primeira se relaciona à necessidade de decidir entre um foco voltado a privilegiar ações de resistência ao neoliberalismo ou, pelo contrário, dirigido a priorizar uma estratégia de reação centrada num projeto alternativo de organização da sociedade. Isto é: entre apresentar um programa minimamente estruturado que represente um projeto sociopolítico concreto, visando ao desenvolvimento social, ou adotar a estratégia de centrar energias em resistir e defender, em cada país, as conquistas realizadas. E aqui não há dúvidas de que, diante da onda conservadora, resistir é preciso. Contudo, abundam incertezas sobre se, diante do avanço de forças políticas muitas vezes reacionárias, devemos perder de vista a necessidade de apresentar alternativas, projetos capazes de produzir novas formas de organização da sociedade.

A segunda questão diz respeito a um tema especialmente caro para os setores que adotam um pensamento emancipa-



Marcha de abertura do Fórum Social Mundial realizado em 2012 na capital

tório: a discussão sobre os fundamentos da esfera pública e o desenvolvimento de espaços deliberativos de organização. Diretamente relacionado a isso se encontra a perspectiva de caracterizar o Fórum, principalmente, como um espaço de debate social, a forma como atualmente vem sendo realizada a reunião ou, diferentemente disso, enquanto uma ágora internacional que conforme um espaço de debate, mas também de deliberação política efetiva entre seus participantes.

Por um lado, a ideia de que o Fórum Social Mundial deva continuar sendo especificamente um espaço de diálogo, um local no qual os ativistas possam trocar ideias, é importante em termos de potencializar a geração de acordos baseados em pontos em comum. Por outro, a caracterização de que os debates políticos do Fórum devam ser canalizados para um programa de ação, uma pauta de mobilização que possa ser compartilhada por ativistas de todos os continentes, pode vir a cumprir um papel fundamental em termos de uma maior organicidade dos debates realizados.

Essas são questões, em boa medida, relacionadas com a concepção do evento e sua capacidade de potencializar as lutas sociais por um mundo melhor em escala internacional. Algo, por sua vez,

diretamente conexo com a urgência em fortalecer o desenvolvimento de encontros temáticos específicos, como o Fórum Social Mundial da Saúde; o Fórum Social Mundial da População Idosa; Fórum Social Mundial da Saúde e Seguridade Social; Fórum Social Mundial de Migrações; Fórum Social Mundial da Educação, assim como os fóruns regionais e nacionais, entre outros, visando descentralizar os principais programas de ação.

De um modo geral, o Fórum é um patrimônio que veio para ficar. Não faltam indícios de que nos próximos anos teremos outras reuniões internacionais, com grande adesão de ativistas sociais. Contudo, é necessário aprofundar os debates sobre a melhor forma dessa atividade canalizar as energias dos milhares de militantes que, anualmente, participam de seus encontros. Quiçá seja o momento de reanimar a ideia que originou a proposta de um fórum social, a caracterização de que não devemos reduzir nossas expectativas ao atual modelo predatório no qual vivemos, a defesa de que um outro mundo é possível. Mas não possível apenas num futuro distante. Outro mundo é possível aqui e agora.

* Professor do Departamento em Ciência Política da UFRGS